

“Foi muito duro encarar essa história de peito aberto, assimilar que pessoas são capazes de cometer atos terríveis. Mas era o que eu tinha nas mãos”

Kelner Macêdo, ator



Zé do Bode: homossexualidade no cangaço

Reprodução



Mudança física e mergulho intenso para se vestir do assassino Cristian Cravinhos

O corpo como território

O corpo, mais uma vez, foi território de acesso. Para alcançar o físico de Cristian à época do crime, o ator alterou radicalmente seus hábitos de treino e alimentação. O resultado não foi apenas estético. “Isso trazia uma outra postura, um outro tônus muscular, e contribuiu para que eu encontrasse esse Cristian em mim.” No set, essa transformação se manifestava em energia, presença e tensão constante.

Nada, porém, compara-se à experiência de filmar a cena do assassinato, realizada quase em silêncio, ao lado de Felipe Simas. Ali, o peso da história real parecia condensar-se no ar. Kelner lembra menos dos pensamentos e mais das sensações: o corpo em adrenalina, o suor, o coração acelerado. “O que mais ficou foi a cinestesia criada entre mim e o Felipe (Simas, ator que interpretou Daniel Cravinhos)”, conta. A relação construída em ensaio — quase como a de irmãos gêmeos — materializou-se na cena como uma ligação visceral. “É como se estivéssemos ligados por um cordão umbilical.” Ao final, vieram o enjoo e uma enxaqueca que durou 24 horas, marcas físicas de um atravessamento emocional extremo.

Se em *Tremembé* o ator precisou silenciar julgamentos, em *Guerreiros do Sol* sua atuação ajudou a amplificar vozes historicamente apagadas. O romance homoafetivo vivido por seu personagem em pleno universo brutal do cangaço não é apenas uma escolha narrativa, mas um gesto político.

“É importante falar do amor entre dois homens em todos os contextos históricos”, defende. Ao deslocar o cangaceiro do arquétipo da virilidade rígida, a trama revela homens atravessados por afeto, desejo e vulnerabilidade. “Quando uma história dessas chega a milhões de pessoas, ela ajuda a deslocar preconceitos”, defende o artista declaradamente pertencente à comunidade LGBTQIAPN+.

Também no campo homoafetivo, *Tremembé* deu seu recado, e a repercussão popular veio em ondas intensas — da cena da calcinha, que incendiou a internet, às reações do próprio Cristian Cravinhos. Kelner não se surpreendeu. “Traçando um perfil do Cristian, já dava para esperar alguma reação polêmica.” O impacto, porém, consolidou algo que o ator parece buscar conscientemente: a contradição. Em 2025, ele se tornou símbolo sexual para o grande público, rótulo que não rejeita, mas tensiona. “Quería construir um corpo desejante, apaixonante, mas capaz de matar uma pessoa a pauladas enquanto ela dorme.” A sedução, aqui, é armadilha narrativa: aproxima para depois confrontar.

Longa estrada

Aos 31 anos, Kelner Macêdo soma 12 de estrada. Desde que chamou a atenção de Marcelo Caetano em *Corpo elétrico* (2017) — filme premiado e exibido em festivais como Roterdã e San Sebastián — sua carreira se construiu entre o cinema autoral e produções de grande alcance, como *Onde nascem os fortes*, *Sob pressão*, *Verdades secretas II*, *Os outros* e *Falas negras*. No cinema, passou por curtas e longas premiados, como o intimista *A metade de nós* — eleito melhor filme brasileiro na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo —, até chegar a *Tremembé*, onde “dobra a aposta” e se consolida como uma das vozes mais intensas de sua geração.

Quando olha para trás, Kelner não fala em linha reta, mas em fricção. “Venho tentando complexificar as existências masculinas, colocar em choque desejo e repressão, afeto e violência.” Seu norte criador são as paisagens internas, aquilo que pulsa por dentro dos personagens. O que o move, no fim, é o impulso de ir além. “Podem me chamar de curioso.” É essa curiosidade — inquieta, arriscada, profundamente humana — que faz de sua trajetória menos um caminho seguro e mais uma travessia constante entre o mito e o abismo.

Na televisão, onde os processos são mais rápidos do que no cinema, manter essa densidade exige entrega radical. “Obsessão absoluta”, resume o filho ilustre de Rio Tinto (PB). Quando ele some da vida social, os amigos sabem: algo novo está sendo gestado. Essa mesma intensidade, agora, o leva ao universo do MMA, na série *Fúria*, da Netflix, na qual vive Aníbal. Sobre o personagem, ainda é cedo para falar. O silêncio, por ora, também é parte do jogo.